

Em busca do elo perdido

Segunda-feira, quando recebia a visita do candidato Fernando Henrique Cardoso, Dom Paulo Evaristo Arns, cardeal-arcebispo de São Paulo, declarou: "Espero que chova para ajudar a plantação, e também para esfriar a política um pouquinho." À noite, choveu em São Paulo.

Na mesma ocasião, Dom Paulo comentou sobre Fernando Henrique e Luiz Inácio Lula da Silva: "Eles certamente ainda vão se reencontrar, ao menos na hora de formar o governo. Os dois estão na mesma faixa de partidos que se chamavam de esquerda, mas que agora prefiro chamar de populares."

Dois dias depois, a chuva tinha ajudado a plantação. Lula lembrou que tem com Fernando Henrique uma amizade de 16 anos. Essa relação, disse, independe de eleição. E admitiu a possibilidade de discutir a participação do PT num eventual governo de Fernando Henrique, da mesma maneira que aceitaria a aproximação de Fernando Henrique se acaso fosse ele, Lula, o vencedor da eleição. "Se houver circunstâncias de estarmos juntos no governo, melhor", respondeu Fernando Henrique.

É muito saudável, e prova de amadurecimento, que os dois mais ferrenhos adversários desta campanha presidencial cheguem à véspera da eleição nesse clima de cordialidade. Eles já não têm como afinidade apenas o roteiro de resistência à ditadura militar e uma biografia absolutamente limpa de manchas de corrupção ou desonestidade — têm em comum também, como demonstrou a troca de gentilezas, o compromisso com o bem do país acima de qualquer interesse pessoal ou partidário. A troca de amabilidades foi

como se tivessem reencontrado um elo perdido.

Não foi fácil chegar a esse estágio elevado de convivência civilizada. Durante a campanha, houve arranhões de lado a lado. A saudação de boas-vindas do PT a Fernando Henrique, no início propriamente dito da campanha, foi um pedido ao Tribunal Superior Eleitoral para que ele ficasse impedido de associar a sua imagem à do real. O TSE não atendeu, e Fernando Henrique passou a acusar o PT de estar assumindo atitude tão autoritária quanto a das piores perseguições do regime militar.

Lula ainda acusou Fernando Henrique de estar recebendo indevidamente adicional noturno de sua aposentadoria de professor da USP e de ter saltado prematuramente da campanha das Diretas-Já de Ulysses Guimarães para a das Mudanças-Já de Tancredo Neves — e nas duas acusações Fernando Henrique mostrou, pacientemente, que ele estava errado.

O único momento em que Fernando Henrique saiu da linha foi quando chamou Lula de dedo-duro por ter sido acusado de levar o ministro Ciro Gomes a trombar com os metalúrgicos em greve no ABC paulista. Em todas as outras ocasiões, Fernando Henrique foi sempre muito respeitoso em relação a Lula. Ultimamente, tem repetido em suas entrevistas que Lula é um símbolo, um patrimônio do Brasil.

Esse clima de cordialidade é mais uma evidência, além das pesquisas, de que a eleição presidencial está sendo resolvida no primeiro turno, na próxima segunda-feira. Se ambos tivessem certeza de que haveria segundo turno, cada um estaria chutando o pau da barraca do outro.

Partidos adultos

Em vez de admitir a hipótese de uma ampla rearrumação partidária após as eleições, Fernando Henrique Cardoso diz que está começando a se formar no Brasil um espectro partidário mais consistente.

Para ele, PT, PSDB, PMDB, PFL e PPR já são partidos nacionais sólidos. Eles são o eixo central da vida política do país. Os demais, como o PTB e o PP, ainda são partidos regionais. Ele quase esqueceu o PDT de Leonel Brizola — "Esse

ai, ninguém sabe o que vai acontecer com ele", disse.

As dúvidas de Fernando Henrique sobre os partidos, por enquanto, são duas. A primeira é saber quem passará a mandar no PMDB. A maioria dos governadores a serem eleitos pelo PMDB não segue a liderança de Orestes Quércia. Aliás, já declarou apoio ao próprio Fernando Henrique. A segunda dúvida é sobre o tamanho de cada bancada partidária no novo Congresso.

Na boca da Globo

O presidente do Tribunal Superior Eleitoral, ministro Sepúlveda Pertence, informa ter recebido telefonema ontem de Alberico de Souza Cruz, diretor da Central Globo de Jornalismo, garantindo que a Rede

Globo cumprirá o acordo de embargo das pesquisas de boca-de-urna até as 23h do dia da eleição.

O Ibope tinha informado que as suas pesquisas seriam divulgadas de qualquer maneira no final do *Jornal Nacional*.